

O fantástico Caio Fernando Abreu

O que vocês sabem sobre o Caio?



Caio Fernando Abreu

September 17 via mobile

"Foram tantas promessas e demonstrações, parecia que ia dar certo, parecia..."

Like · Comment · Share

13

83 people like this.

View 2 more comments



Edna Nascimento Como parecia!

September 17 at 10:44am via mobile · Like



Franciane Silva E COMO PARECIA

September 17 at 10:47am via mobile · Like



Bruna Marinho Só parecia.....

September 17 at 11:14am via mobile · Like



Junior Ferreira AI PAREM DE SER IGNORANTES E VÃO LER ELE DE VERDADE, PFVR

about an hour ago · Like



Write a comment...



Entendam como acontece:

“A primeira vez que a viu foi rapidamente, entre um tropeço e uma corrida para não perder o ônibus. Mesmo assim, teve certeza de que havia sido feita apenas para ele.”

(do livro “O Ovo Apunhalado”, pg. 26)

Entendam como acontece:



Caio (1948 – 1996) escreveu para revirar certezas absolutas. Contista de mão cheia, alguns de seus livros mais importantes trazem alguns dos contos mais surpreendentes da língua portuguesa. Na sua literatura, cabe tudo - menos a caretice enrijecida de quem tem suas certezas asseguradas em defesas comportamentais. Caio quer o salto sem rede, o precipício, o perigo iminente. O traço mais impactante de sua escritura é a sinceridade absoluta, a cumplicidade com todos os eus possíveis do ser humano, um olhar de atrevida compaixão, a simpatia sem reserva pelos excluídos. Caio tem a palavra como estilete afiado a cortar mediocridades defensivas, a cortar gente que olha sem ver o que o vasto mundo cruel oferece a cada um. Contista, cronista, novelista, transitava bem entre todos os gêneros, e não se prendia a nenhum, imprimindo excelência e humanidade em todos os parágrafos com sua assinatura.



01100319454
Cronologia de Caio Fernando Abreu
in *Autores Gaúchos, No 19*, realizado
pelo Instituto Estadual do Livro. B

1948

A 12 de setembro, nasce Caio Fernando Abreu, em Santiago, Rio Grande do Sul, cidade do interior relativamente próxima à fronteira com a Argentina. É tempo do Governo Dutra, de redemocratização relativa, industrialização crescente, expansão do mercado consumidor, profissionalização de autores e editores. Publicam-se Sapato Florido, de Mario Quintana; Coronelismo, Enxada e Voto, de Vitor Leal Nunes; e Poesias, de José Albano.



Meu primeiro aniversário
Pra mim o dia mais lindo
Guardai esta lembrancinha
Que vos ofereço rindo
CAIO FERNANDO
Santiago, 12/9/49



1954

Aos seis anos, Caio produz seus primeiros textos; escrever é para ele "uma coisa natural, talvez um defeito de fabricação - como a possibilidade de viver a vida sem inventar em cima dela". Suicida-se Getúlio Vargas, em consequência das pressões contra uma política nacionalista e populista de resistência ao capital estrangeiro, de incremento da intervenção estatal, da criação do BNDE, a PETROBRAS, de projetos como ELETROBRAS, que geram a oposição das forças econômicas ligadas ao capital estrangeiro. Editam-se Ciranda de Pedra, Lygia Fagundes Telles; A Luta Corporal, de Ferreira Gullar, Contemplação de Ouro Preto, de Murilo Mendes.



B

1966

Em Porto Alegre, já aluno do curso colegial, Caio tem seu conto 'O Príncipe Sapo' publicado na revista Cláudia, e escreve o romance Limite Branco. Inicia-se uma produção literária de ebulição ideológica, resultante do processo que inclui: o governo Juscelino Kubitschek (1956 - 1961), de concepção empresarial e desenvolvimentista; o governo Jânio Quadros (1962), de equilíbrio precário entre uma política interna conservadora e uma política externa progressiva, de apoio a Cuba; o governo de João Goulart (1962-1964), de retorno ao populismo nacionalista e reformista, que ameaça o próprio sistema capitalista brasileiro; o golpe militar de 64, que inaugura uma longa fase repressiva com os militares no poder, decreta Atos Institucionais, estabelece eleições indiretas para presidência e governos estaduais e suprime partidos políticos. Compõe uma literatura de oposição à ditadura. Publicam-se A educação pela pedra, de João Cabral de Mello Netto; A hora dos ruminantes, de J.J. Veiga; Estrela da Vida Inteira, de Manuel Bandeira; e o Campeador e o vento de Carlos Nejar.

1967

Inicia, sem completar, cursos nas faculdades de Letras e de Arte Dramática da UFRGS. Promulga-se nova Constituição que centraliza o poder e exclui a participação popular nas decisões nacionais. Forma-se a Frente Ampla das oposições. Surge o Tropicalismo de Caetano Veloso, Glauber Rocha, José Celso Martinez Correa. Publica-se Quarup, de Antonio Callado; Dona Flor e seus Dois Maridos, Jorge Amado, e Tremor de terra, de Luis Vilela.

1968

Muda-se para São Paulo depois de vencer um concurso para ser repórter da primeira revista Veja; concorre ao Prêmio José Lins do Rego com Três Tempos Mortos ("para sempre inédito", segundo Caio), pelo qual recebe menção honrosa. Nesse ano, instável no mundo todo, assiste-se na França, ao movimento estudantil, no Brasil, às greves e protestos operários e estudantis, ao atrito com as Forças Armadas e o Congresso Nacional. Segue-se a decretação pelo presidente Costa e Silva do AI-5 que suspende os direitos políticos dos cidadãos, cassa mandatos parlamentares e fecha o Poder Legislativo até setembro de 1969. Moacyr Scliar cria O Carnaval dos Animais e Dalton Trevisan, Desastres de Amor.

1969

Recebe o Prêmio Fernando Chinaglia pela obra Inventário do Irremediável. Costa e Silva é afastado da presidência; um colegiado de três ministros militares assume o poder, repassado a outro representante da "linha dura" do regime, Garrastazu Médici. Promulga-se a nova Lei de Segurança Nacional e radicaliza-se a oposição em ações clandestinas. Surge O Pasquim, pioneiro da imprensa alternativa. Dalton Trevisan publica Guerra Conjugal; Rubem Fonseca, Lúcia McCartney; e Luiz Miranda, Andança.

1971

Caio Fernando Abreu muda-se para o Rio de Janeiro, onde trabalha como pesquisador e redator da Manchete e Pais e Filhos. Preso por porte de drogas num flagrante (que ele disse ter sido "armado") retorna a Porto Alegre e trabalha em jornais locais. É o ano da publicação de Bar Don Juan, de Antonio Callado; Incidente em Antares, de Érico Verissimo; e de O 35º Ano de Inês, de Tania Faillace.

...funcionário... are duas
pessoas, se eu conseguisse encontrar alguém que me
completasse, que fosse completado por mim, que me
saciasse o corpo para que o espírito pudesse voar.
Espero isso, quase sempre sem procurar. Mas quando
caio na procura, volto decepcionado, ferido, frustrado,
enfraquecido. As pessoas têm medo da entrega. É
mais fácil e menos comprometedor, diluir-se na
ciranda dos bares, das saunas, do deboche. As pessoas
têm medo de se doarem. E seria tão bom, tão melhor.



1972

Trabalha como redator do jornal Zero Hora e colaborador do Suplemento Literário de Minas Gerais; recebe o Prêmio do Instituto Estadual do Livro pelo conto 'Visita', incluído posteriormente em O ovo Apunhalado. Josué Guimarães lança A Ferro e Fogo: Tempo de Solidão; J. J. Veiga, Sombras de Reis Barbudos; Moacyr Scliar, A Guerra no Bonfim.



B

1973

Viaja para a Europa; sustenta-se em Estocolmo lavando pratos e, em Londres, como faxineiro e modelo numa escola de belas artes. O ovo Apunhalado recebe menção honrosa do Prêmio Nacional de Ficção. Publicam-se As Meninas, de Lygia Fagundes Telles; Avalovara, de Osman Lins e O Caso Morel, de Rubem Fonseca.



341600-0454

1974

Caio retorna ao Brasil. Em Porto Alegre, trabalha com o grupo Província como autor e ator na peça Sarau das Nove às Onze; colabora na imprensa alternativa, florescente em função da censura; escreve em Opinião, Movimento, Ficção, Inéditos, Versus, Paralelo, Escrita. Ernesto Geisel substitui Garrastazu Médici; paralelamente ocorre a vitória maciça do MDB no pleito para o poder legislativo; anuncia-se ao fim do "milagre" com as contradições da economia brasileira agravados pela alta internacional dos preços do petróleo determinada pela OPEP, e pelas medidas recessivas dos países ricos aos quais o Brasil segue atrelado.

1975

O ovo Apunhalado, publicado pelo IEL em convênio com a Globo, indicado por Veja como um dos melhores do ano, tem trechos cortados por atentado aos "bons costumes"; Caio recebe o Prêmio Leitura do SNT pela peça Uma visita ao fim do mundo, mais tarde denominada Pode ser que seja só o leiteiro lá fora. Ignácio Loyola Brandão publica Zero; João Antônio, Leão de Chácara; e Moacyr Scliar Os Deuses de Raquel. Expandese a imprensa alternativa.

1976

Trabalha na Folha da Manhã como crítico teatral. Participa das antologias Assim Escrevem os Gaúchos e Teia, editada por recursos dos autores. Publicam-se Os Pecados da Tribo, de J. J. Veiga; A Febre, de Ivan Ângelo; e Feliz Ano Novo, de Rubem Fonseca.



1982

Caio lança **Morangos Mofados**; Marcelo Rubens Paiva, Feliz Ano Velho; Antônio Callado, A Expedição Montagne; Ana Cristina Cesar, A Teus Pés; e Tabajara Ruas, O Amor de Pedro por João.

A: Você é meu companheiro.

B: Hein?

A: Você é meu companheiro, eu disse.

B: O quê?

A: Eu disse que você é meu companheiro.

B: O que é que você quer dizer com isso?

A: Eu quero dizer que você é meu companheiro. Só isso.

B: Tem alguma coisa atrás, eu sinto.

A: Não. Não tem nada. Deixa de ser paranóico.

B: Não é disso que estou falando.

1985

Caio volta a São Paulo, para ser editor da revista *Around/A-Z*, escreve o roteiro do seriado de TV *Joana Repórter*, para Regina Duarte; é vencedor do Prêmio Jabuti, com *Triângulo das Águas*; *Morangos mofados* é adaptado para o teatro e levado a cena por Paulo Yutaka. Por votação indireta, produto de um acordo entre o governo de João Figueiredo e as oposições lideradas pelo PMDB, elege-se Tancredo Neves para presidente da República, em clima de grande esperança e moralização administrativa do país. Morre Tancredo Neves, sem assumir a presidência, seu vice, José Sarney, expresidente do PDS, assume o poder. Inicia-se o período chamado "transição para a democracia". Zulmira Ribeiro Tavares publica *O Nome do Bispo*; Nélida Piñon, *A República dos Sonhos*; e Autran Dourado, *Lucas Procópio*.



1990

Lança o romance *Onde Andará Dulce Veiga?* edição da Companhia das Letras. Os alemães orientais e ocidentais comemoram o Ano Novo junto ao Muro de Berlim, festejando o fim da barreira que os separou por quase trinta anos. Na África, depois de 27 anos de prisão, Nelson Mandela é libertado. Mikail Gorbachev é eleito presidente da União Soviética. Em 14 de março, Fernando Collor de Mello assume a presidência do Brasil. Morrem Luís Carlos Prestes, o cronista Rubem Braga e o editor José Olympio. É inaugurada, em Porto Alegre, a Casa da Cultura Mario Quintana. Vários autores gaúchos lançam novas obras: Tabajara Ruas, *Perseguição* e *Cerco a Juvêncio Gutierrez*; Luiz Antonio de Assis Brasil, *Videiras de Cristal*; Mario Quintana, *Velório Sem Defunto*; Patrícia Bins, *Theodora*; Sergio Faraco, *O Chafariz dos Turcos*; Moacyr Scliar, *Do Éden ao divã: humor judaico*.



1990-0454

1992

Bolsista durante três meses da MEET (Maison des Écrivains Et Traducteurs Étrangers) em Saint-Nazaire, França, onde escreve o conto Bien Loin de Marienbad. O Congresso Nacional aprova a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar denúncias de Pedro Collor de Mello contra seu irmão Fernando Collor. A Câmara dos Deputados vota pelo Impeachment do Presidente Collor. O vice-presidente Itamar Franco assume interinamente a presidência. Reedição comemorativa da primeira publicação A Rua dos Cataventos, de Mario Quintana. Luiz Antonio de Assis Brasil lança Perversas Famílias.



B

1996

Lançamento de Pequenas Epifanias. Caio é internado em 5 de fevereiro, com pneumonia aguda decorrente do vírus HIV, no Hospital Moinhos de Vento, na capital gaúcha. Em 25 de fevereiro, ele morre aos 47 anos, o auge de sua carreira internacional, com livros publicados em diversos países. É enterrado no cemitério São Miguel e Almas (de onde foi transferido depois pra junto dos pais ao Cemitério Ecumênico João XXIII), em Porto Alegre. Ovelhas Negras recebe o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, como o melhor livro de contos do ano.

Cronologia de Caio
Fernando Abreu in
Autores Gaúchos,
No 19, realizado
pelo Instituto
Estadual do Livro.

*Sobre todos aqueles que ainda
continuam tentando Deus,
derrama teu Sol mais luminoso.*



Caio escreveu compulsivamente, viveu compulsivamente e morreu desejando continuar a escrever. A literatura, para ele, era matéria viva em direção ao conhecimento do **mais obscuro sentimento**, a revelar a impossível possibilidade de roçar a eternidade. Guardava seus rascunhos, seus cadernos, suas frases seminais: tudo era passível de virar obra viva, a partir de sua satisfação com o resultado buscado. Poucos escritores brasileiros tem, em seu currículo, essa admiração entre seus leitores. Sua **excruciante sinceridade** é o que explica essa identificação, inclusive com gerações posteriores. Fruto de seu tempo, sim, mas sem data de vencimento, a literatura de Caio Fernando Abreu revela o homem que ele foi, o cidadão atento ao seu mundo, imerso nas **convulsões comportamentais** que sacudiram o mundo em suas décadas de adolescente.

“Não tenho dúvida de que, nesses tempos politicamente corretos e cheios de medo e dúvida, a ousadia de sua palavra serão farol a iluminar os breus daqueles que acreditam e buscam faróis e fé no intento de viver mais plenamente a vida que lhe cabe.”

**Luciano Alabarse, diretor de teatro e amigo da vida inteira de Caio Fernando Abreu.*

Nos Poços

Primeiro você cai num poço. Mas não é ruim cair num poço assim de repente? No começo é. Mas você logo começa a curtir as pedras do poço. O limo do poço. A umidade do poço. A água do poço. A terra do poço. O cheiro do poço. O poço do poço. Mas não é ruim a gente ir entrando nos poços dos poços sem fim? A gente não sente medo? A gente sente um pouco de medo mas não dói. A gente não morre? A gente morre um pouco em cada poço. E não dói? Morrer não dói. Morrer é entrar noutra. E depois: no fundo do poço do poço do poço do poço você vai descobrir quê.

Uma Veste Provavelmente Azul

Eu estava ali sem nenhum plano imediato quando vi os dois homenzinhos verdes correndo sobre o tapete. Um deles retirou do bolso um minúsculo lenço e passou-o na testa. Pensei então que o lenço era feito de finíssimos fios e que eles deviam ser hábeis tecelões. Ao mesmo tempo, lembrei também que necessitava de uma longa veste: uma muito longa veste provavelmente azul. Não foi difícil subjugar-los e obrigá-los a tecerem para mim. Trouxeram suas famílias e levaram milênios nesse trabalho. Catástrofes incríveis: emaranhavam-se nos fios, sufocavam no meio do pano, as agulhas os apunhalavam. Inúmeras gerações se sucederam. Nascendo, tecendo e morrendo. Enquanto isso, minha mão direita pousava ameaçadora sobre suas cabeças.

Réquiem Por Um Fugitivo

Réquiem:

Prece pelos mortos.

Música cantada durante os velórios ou simplesmente para homenagear os mortos.

- O que vocês imaginaram que estava no guarda roupa e por quê?
- Que relações afetivas existiam entre os personagens?
- Como o personagem principal enxergavam a mãe e o anjo?
- Por que a mãe dele não via o anjo?
- O que significa a morte da mãe e a fuga do anjo?
- Que imagens construímos de nossos pais?